

PSICANÁLISE E HISTERIA NO MASCULINO: UMA ANÁLISE DA VIGOREXIA¹

Eulimar Manoel do Nascimento²

Stetina Trani Meneses Dacorso³

RESUMO:

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter exploratório que teve como objetivo analisar a percepção de corpo ideal masculino por homens frequentadores de academia e como eles se veem acerca de sua própria imagem corporal. Dentre as inúmeras implicações destinadas ao homem contemporâneo, a insatisfação com a sua aparência física configura uma realidade. O discurso midiático traz ao universo masculino uma imposição de beleza marcada pelo ideal de um corpo musculoso e perfeito, sinônimo de realização e felicidade, padrão de beleza possível apenas em seu imaginário. Na busca de atingir tal corpo idealizado, homens passam a ser frequentadores assíduos de academias de ginástica, fazendo da musculação uma espécie de ritual, sentindo-se desapontados quando não conseguem comparecer aos treinos e promovendo exercícios prolongados, bem como o uso de anabolizantes. Nessa empreitada, buscam esse padrão de beleza a todo custo e desenvolvem a distorção de imagem, pois, ainda que fortes e acima do padrão de corpo em relação à maioria dos outros homens, sentem-se fracos e frágeis. O histórico jamais está satisfeito com sua imagem real, tentando ser objeto ideal para o outro. A histeria masculina mostra-se como campo fértil para a manifestação de sintomas vigorexícos, fixados na falta e marcados pela insatisfação. Percebeu-se que esses indivíduos ofertam seus corpos musculosos para preencher essa falta e esconder a castração na qual foram submetidos.

Palavras-chave: Histeria masculina. Musculação. Vigorexia. Psicanálise.

PSYCHOANALYSIS AND HYSTERIA IN MALE: AN ANALYSIS OF VIGOREXIA

ABSTRACT:

The present study is an exploratory character literature review that aimed to analyze the perception of the ideal male body, by men who frequent a gym, and how they see themselves about their own body image. Among the numerous implications for the contemporary man, dissatisfaction with his physical appearance is a reality. The media discourse brings to the male universe an imposition of beauty marked by the ideal of a muscular and perfect body, synonymous with fulfillment and happiness, a

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Clínica. Recebido em 11/10/2021 e aprovado, após reformulações, em 16/11/2021.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: eulleraloha@yahoo.com.br.

³ Mestra em Literatura Brasileira, Psicóloga, Psicanalista, Docente e Supervisora do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: stetinadacorso@uniacademia.edu.br.

standard of beauty possible only in their imagination. In the search to achieve this idealized body, they become assiduous frequenters of gyms, making weight training a kind of ritual, feeling disappointed when they can't show up to the workouts, promoting prolonged exercises and the use of anabolic steroids. In this endeavor they seek this standard of beauty at all costs and develop image distortion, because even though they are strong and above body standard in relation to most other men, they feel weak and fragile, the hysteric is never satisfied with his real image, trying to be the ideal object for the other. Male hysteria shows itself as a fertile field for the manifestation of vigorexic symptoms, fixed in the lack and marked by dissatisfaction. It was noticed that these individuals offer their muscular bodies to fill this lack and hide the castration to which they were submitted.

Keywords: Male hysteria. Bodybuilding. Vigorexia. Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

A história da humanidade comprova que desde tempos mais longínquos, o corpo é cultuado em forma de beleza, sendo os gregos os pioneiros que incluíram a relevância da atividade física destinada para o benefício próprio, bem como para a educação do povo. Na civilização grega, demonstrava-se que a prática de exercícios físicos tinha como finalidade o bem-estar do corpo e da alma, no entanto, a mitologia grega já dispunha de deuses, semideuses e heróis esteticamente perfeitos, equivalentes ao padrão de beleza para os gregos. Aristófanes retratava o grego com espáduas largas, peito aberto e porte harmonioso, sem predominância do abdome, capaz de romper o equilíbrio do corpo e prejudicar o desenvolvimento do espírito (RAMOS, 1982).

Na contemporaneidade, surgem academias de ginástica que representam um dos signos mais pragmáticos da “corpolaria” instaurada. Nesses recintos, desfilam corpos malhados na tentativa de alcançar o padrão (ESTEVÃO; BAGRICHEVSKY, 2004).

Segundo Alexandre Palma et al. (2003), as academias estabelecem nos países do mundo ocidental, de maneira estratégica, profundas convocações midiáticas de consumo. O corpo masculino passa a ser relacionado ao consumo que, em certas circunstâncias, possui uma valorização exagerada, favorecendo o crescimento do “mercado do músculo” e bens e serviços atribuídos à manutenção desse corpo (RUSSO, 2005).

Presente em indivíduos musculosos que constantemente definem-se como “fracos e pequenos”, a vigorexia ou dismorfia muscular configura uma preocupação

obsessiva com as proporções e a forma dos músculos. Conseqüentemente, lançam-se em uma busca desenfreada pela tentativa de adquirir uma musculatura superior àquela já pertencente, engajando-se em treinamentos físicos prolongados e hiperbólicos e no uso contínuo de anabolizantes⁴, afetando sua saúde física e mental (POPE, 2000).

Assiste-se, na contemporaneidade, corpos de homens e mulheres transformados em objetos, despertando o interesse da mídia, que dita padrões de beleza. O universo masculino passa a ser alvo da cultura do consumo, surgindo um padrão de beleza e um ideal de corpo masculino musculoso e detalhadamente definido, beirando a perfeição, padrão esse que está muito distante da realidade, sendo impossível de se atingir de forma natural. Com isso, homens, na busca de atingir tal corpo idealizado, desenvolvem uma distorção da sua própria imagem, tornando-se vigoréticos, que aliados ao uso de anabolizantes, podem desenvolver transtornos psíquicos ou potencializar os já existentes, como inúmeros malefícios no corpo físico, vida pessoal e social (BALLONE, 2016).

Para Viol e Reis (2017), a dimensão do despreparo frente a essa mudança impõe ao sujeito situações difíceis, levando a vivenciar um estado de “atordoamento” diante das dicotomias às quais é convocado, apressadamente, para atender, constatações que concedem afirmar a necessidade e a relevância de estudos referentes às modalidades de sofrimento psíquico masculino pertinentes à época. Através de uma abordagem da subjetividade humana, a psicanálise apresenta-se como um recurso apropriado de leitura, tanto no processo de subjetivação, quanto na dinâmica dos sofrimentos psíquicos.

O estudo aponta que a histeria masculina representa um campo fértil para essas manifestações, já que o histérico necessita se mostrar de uma maneira sedutora ao olhar do outro, ofertando seu corpo inteiro. Assim, no imaginário desses homens, é através de um corpo musculoso que conseguem dar provas de sua masculinidade e de tudo pertencente a ela. A histeria em homens desponta, de forma propícia, a ocorrência dos sintomas vigoréticos e o estudo percorrerá o

⁴ Os anabolizantes apresentam-se como substâncias sintetizadas em laboratório, relativo aos hormônios masculinos (andrógenos). A utilização dessas substâncias por meio de ingestão oral ou aplicação intramuscular produz efeitos anabolizantes. Esses ganhos alcançados em tempo *record*, por intermédio dessas drogas são temporários, porém, os efeitos colaterais podem ser irreversíveis (SILVA, 2017).

caminho dessa construção (DOR, 1993).

2 VIGOREXIA: A IMPOSIÇÃO DO PADRÃO DE BELEZA MASCULINA QUE FAZ INSTAURAR A DOENÇA

A sociedade moderna determina valores que perpassam o “ter” e “ser”, que vão desde possuir uma beleza padrão adequada à época, ter dinheiro e manter-se jovem, dizeres e imposições que são pré-estabelecidos culturalmente. A incessante busca do corpo ideal pelo indivíduo, corpo ofertado pela mídia e vangloriado em filmes, revistas e novelas, pode gerar uma ausência de discernimento e critério, demonstrando que o importante é estar dentro dos padrões estabelecidos pela cultura atual, ainda que isso comprometa a saúde mental ou a própria vida.

Quantos corpos, sucessivos e simultâneos, já tivemos? Não é verdade que, num sentido muito real, temos imensa dificuldade em ser nosso corpo, por que já nos inculcam de mil maneiras que temos tal ou qual corpo? Ou seja, mais do que ser a sua verdadeira e real substância, nossos corpos são corpos que nos disseram que temos, corpos inculcados e ensinados, feitos de linguagens, símbolos e imagens. As culturas, as ideologias e as organizações sempre inventam um corpo humano adequado e conforme (ASSMANN, 1995, p. 72).

Hugo Assmann (1995) agrega sobre o corpo adaptável e alerta também para o corpo ideal produzido pela mídia, que afeta o imaginário e promove o distanciamento do corpo real.

O corpo moderno ganhou características inéditas: deixou para trás a rigidez de concepções antigas e mais ou menos sacrais. Imaginemos quanta plasticidade, moldeabilidade, elasticidade e maleabilidade se requer para poder preencher as funções de corpo educável, microcosmo dessacralizado e sem mistério, força-de-trabalho ajustada e ajustável, corpos estivadores, corpos-garços, corpos-executivos, corpo-capital-humano, corpo-relação mercantil, corpo de atleta, corpo escultural, corpo-fetiche, corpo sexo hiper genitalizado, corpos vilipendiados ou glorificados por sua forma ou cor etc. – até culminar no corpo, plenamente “valor de troca”, da engenharia genética e do mercado de órgãos (ASSMANN, 1995, p. 73).

A imposição do corpo ideal faz com que o sujeito se coloque na posição de ser tanto objeto de consumo quanto consumidor de objetos, dependendo apenas do discurso em que esses corpos estiveram enredados e da força pela qual foram

capturados, demonstrando, de certa forma, uma insatisfação com o corpo ou com a própria vida. Na atualidade, o corpo perfeito tornou-se objeto de desejo do homem e o universo masculino está apontado pelo corpo forte e bem definido, algo que explica o frequente aumento de jovens recorrendo às academias de ginástica para a prática de musculação e atividades que levem ao ganho de massa magra e construção dos músculos, adquirindo o corpo idealizado (ASSMANN, 1995).

Contudo, esse padrão de beleza remete a uma perfeição irreal, possível apenas no imaginário desses, configurando uma crueldade para o sujeito que, tendo sua imagem distorcida por si próprio, reproduz esse comportamento para jovens e adolescentes através de uma eterna busca para serem aceitos pela sociedade (ESTEVÃO; BAGRICHEVSKY, 2004).

O corpo não se apresenta como algo isolado, com isso, a imagem corporal adquire suas próprias possibilidades de existência. Um corpo ainda é um corpo perante outros corpos e a percepção que o sujeito tem do seu corpo traduz a sua imagem corporal, refletindo, também, em suas relações sociais. A percepção do sujeito sobre seu corpo, ou fragmentos dele, direciona tais imagens para os demais, momento em que passa a perceber outras partes até então desconhecidas, algo que evidencia o questionamento sobre qual corpo é percebido primeiro, se do próprio sujeito ou o alheio (BARROS, 2005).

Carl Hart et al. (2003) entendem a imagem corporal como um constructo psicológico que se estende através de pensamentos, sentimentos e entendimentos a respeito da aparência geral, das partes do corpo e das funções fisiológicas do indivíduo. Quando ocorre de a imagem corporal não corresponder à realidade, eventualmente, quando o homem subestima ou superestima a forma como se vê, pode depreciá-la ou construir uma imagem idealizada de um corpo que condiz com a sua atual aparência física.

A pretensão de um corpo perfeito configura um desejo vigente na vida desses homens, instaurando-se no universo masculino uma imposição de beleza, marcada pelo ideal de um corpo forte e perfeitamente definido, ocasionando em um constante aumento de frequentadores de academias tendo na prática da musculação o “aperfeiçoamento” de sua estética corporal, com a busca-fim de um corpo idealizado. Atualmente, constata-se uma sucessiva apreensão dos transtornos

relacionados à alimentação, com inúmeras matérias que têm como pauta a “necessidade” de se enquadrar em padrões de beleza manifestados pela mídia, homens que se mantêm sempre à procura de um “corpo perfeito” e ambicionam veementemente uma satisfação fantasiosa que em tempo algum será concreta (BARBOSA; PINTO, 2017).

Anteriormente, na sociedade, era impensável a insatisfação masculina com sua aparência, preocupação essa que era apenas destinada ao universo feminino. Entretanto, pode-se dizer que essa insatisfação existe na vida do homem contemporâneo, capaz de ocasionar infelicidade em relação à imagem corporal, fazendo o sujeito adquirir uma visão distorcida e não reconhecer sua real imagem, bem como a descrevendo de forma pejorativa (VIOL; REIS, 2017).

A vigorexia, conhecida no meio clínico como dismorfia muscular ou Síndrome de Adônis, ocorre, na maioria dos casos, em homens, sendo classificada como transtorno alimentar e atuando como uma distorção da imagem corporal, em que o vigorexíco, ao se deparar com seu reflexo, não reconhece o que vê e se sente fraco e frágil, em consequência desloca suas demandas emocionais na prática de exercícios prolongados e com cargas cada vez mais pesadas. Portanto, esses homens perseguem a idealização de um corpo perfeito, pois jamais se sentem suficientemente fortes e musculosos, ficando “obcecados” por regimes hiperproteicos, levando dietas à base de proteínas e deixando de comparecer a eventos sociais para treinar. O vigorexíco aparentemente busca manter-se saudável, porém, possui um posicionamento que consiste na luta diária com sua autoestima e, por não se achar suficientemente musculoso, nutre um sentimento de inveja a homens mais musculosos. Homens com esse transtorno buscam ininterruptamente o “pseudocorpo perfeito”, no empreendimento de alcançar uma satisfação que jamais poderá ser verdadeiramente alcançada (OLIVARDIA; PHILLIPS; POPE, 2000).

Pope et al. (2000) explicam que além da obsessão pelo corpo perfeito, a vigorexia leva também a problemas ósseos e lesões nas articulações devido ao peso excessivo, além de sequelas como a falta de agilidade e o encurtamento de músculos e tendões, efeitos potencializados com o consumo de esteroides e anabolizantes, no propósito de conseguir melhores resultados em um curto intervalo de tempo.

Os impactos causados pelo uso dessas substâncias são devastadores, aumentam o risco de doenças cardiovasculares, lesões hepáticas, dificuldade de concentração, irritabilidade, falta de apetite, disfunções sexuais, diminuição do tamanho dos testículos e maior propensão ao câncer de próstata (CAPELETTO, 2010).

Segundo Silva e Ceccarelli (2016), a participação mais efetiva da mulher na sociedade ocasionou em uma flexibilização de papéis que antes eram destinados ao universo feminino, passando também a fazer parte do cotidiano do sexo masculino. Tais acontecimentos influenciam no funcionamento psíquico dos indivíduos, trazendo particularidades na construção da masculinidade, que é determinada pelo contexto social.

Em outros tempos, destinavam-se a conceituar a masculinidade através de atributos como poder, força e virilidade, contudo, atualmente, há diversas definições que se cruzam para descrever o que é ser homem. O movimento feminista desestabilizou o modelo masculino tradicional, impondo a necessidade de sua reavaliação. Identifica-se o surgimento de tensões no âmbito de padrões tradicionais da identidade masculina, como também a possibilidade de novas formas de ser homem na cultura ocidental (VIOL; REIS, 2017).

3 HISTERIA NO MASCULINO

A psicanálise, através do estudo da constituição subjetiva do histérico, busca entender como a histeria em homens constitui uma saída psíquica para um modo de estar no mundo, suas interações sociais e de operar com desejo. Embora a sintomatologia da histeria em mulheres seja diferente da encontrada em homens, o que fica claro é que ambas apresentam a mesma base estrutural, que consiste na rígida castração feita pelo pai e no abandono da mãe (NASIO, 1995).

A histeria surge nos primórdios e na fundação da psicanálise, configurando a primeira teoria que Freud produziu no propósito de solucionar a etiologia dos sintomas histéricos, em que o sujeito histérico teria sofrido, durante sua infância, uma vivência sexual traumática. Percebe-se que as histórias trazidas pelos pacientes eram fantasiosas e resultantes de impulsos decorrentes dos cuidados

maternos, que superexcitam as zonas erógenas infantis. A inquietação decorrente dessa sexualidade aflorada no corpo ocorre perante a prematuridade do “eu” da criança e, por esse motivo, torna-se patogênica. Impossibilitada perante a sedução sexual sofrida por um adulto, a criança permanece paralisada e o abalo sexual provocado por essa vivência, não retratado pela consciência, produz um excesso de tensão a nível inconsciente. Por esse motivo, o excesso de tensão se instalaria no “eu”, convertendo-se em um futuro gerador de sintomas histéricos, dentre eles a conversão, que no corpo do histérico seria o destino somático da angústia. A sedução, consequência do caráter traumático, só viria no segundo momento, assim que na puberdade a sexualidade fosse dirigida para a genitália, através de atributos associativos que rememorassem o episódio de sedução, tornando patogênica sua recordação e impulsionando forças do “eu” que levam ao recalque (FREUD, 2016).

Segundo Freud (1996c), os eventos entre “ter e ser falo” são marcados pela intromissão do pai. A figura do pai imaginário entra em cena, intervindo como pai privador e frustrador, que também compareceu junto à criança enquanto pai proibidor e simbólico. No caso de um pai privador, ele retira da criança a possibilidade do “ser o falo”, conduzindo-a imediatamente à castração. Desse modo, a criança percebe não apenas não ser o falo, como também não o ter, tal como sua mãe. Tendo a mãe reconhecido a palavra do pai como aquela que mobiliza seu desejo, institui o pai imaginário como depositário do falo. Com o intuito de que isso aconteça, faz-se necessário que a mãe dê provas da autoridade fálica do pai.

Não se levando em conta o gênero infantil, o histérico foi transformado no falo de que o outro é castrado, portanto, a histeria organiza-se entre a fase fálica e o Complexo de Édipo⁵. Pontualmente, a criança se subtrai à rivalidade fálica com o pai, tendo de ser submetida à castração e, com isso, a dinâmica histórica é exatamente a que remete ao fato de o pai ter o falo, privado à mãe. Essa demanda alimenta na histeria o “dar a prova” da atribuição fálica, bem como a reivindicação constante do falo, por isso os histéricos são considerados “militantes do ter”. Assim, o objeto do desejo edipiano é o falo, objeto de que o histérico se acha injustamente

⁵ Correspondente ao período em que ocorre uma modificação no comportamento da criança, nutrindo um amor incondicional pela mãe e simultaneamente um sentimento de ódio em relação ao pai. Algo que configura o momento crucial da constituição do sujeito sendo o “complexo nuclear” das neuroses, como também o momento decisivo do processo de produção da sexualização (FREUD, 1996a, p. 337).

desprovido. É por causa do falo que o histérico vai questionar seu desejo junto ao “outro”, um provável dever da incógnita da origem do desejo (NASIO, 1991).

Freud (1996d), na busca de desvendar o inconsciente, dedicou-se a estudar a histeria em homens, contrapondo-se à resistência dos pensamentos da época, que via a histeria apenas vinculada ao universo feminino. Ao retornar de Paris, apresenta à Sociedade de Medicina de Viena um texto sobre a histeria masculina, provocando descontentamentos, relato descrito por ele em seu estudo autobiográfico.

Pessoas de autoridade, como o presidente (Bamberger, o médico), declararam que o que eu disse era inacreditável. Meynert desafiou-me a encontrar alguns casos em Viena semelhantes àqueles que eu descrevera e a apresentá-los perante a sociedade. Tentei fazê-lo, mas os médicos mais antigos, em cujos departamentos encontram casos desta natureza, recusaram-se em me permitir observá-los ou a trabalhar com eles. Um deles, velho cirurgião, na realidade me irrompeu com a exclamação: “Mas, meu caro senhor, como pode dizer tal tolice?” *Hysteron* significa útero. Assim, como pode um homem ser histérico? (FREUD, 1996d, p. 26).

Dor (1993) aponta que, para Freud, os conflitos oriundos da castração e a dificuldade em lidar com ela são a causa da histeria em homens. Portanto, fica evidente que o histérico está marcado pela castração primária, que se refere à ocorrida no complexo de Édipo e não à retirada do órgão sexual masculino. O indivíduo, entretanto, não possui o equivalente significante da presença peniana, não verificando a presença psicológica do falo e ocasionando consequências psíquicas que estabelecem sentimentos de inferioridade.

Desse modo, o corpo do histérico destina-se a oferecer complacência somática. No momento em que os sintomas conversivos são a expressão do fracasso do recalque por meio de um grande paradoxo, há no sintoma da conversão a alteração da energia oriunda da representação traumática intolerável do estado primário para o estado secundário, através do sofrimento corporal dos sintomas. Dado isso, tira-se o fundamental e o inconsciente desempenha uma função plástica sobre o corpo somático na histeria através do fenômeno da conversão, resultando em uma forma de satisfação da fantasia inconsciente, que viveu sua origem na sexualidade infantil. Por esse motivo, Freud esclarece que ela surge na qualidade do compromisso de amortecimento de uma dívida, provocando os efeitos de proteger o sujeito da angústia de perder a integridade de seu falo, mas trabalhando ativamente

na formação dos sintomas somáticos (NASIO, 1991).

Numa conversão de órgão, apresentar-se doente é conduzir em ato a angústia da castração, localizando um alvo. Pode-se analisar o sofrimento do histérico como proporcional a um orgasmo e o órgão afetado correspondente a um pênis, órgão genitalizado que desperta um retorno a uma forma de autoerotismo, explicando um órgão superinvestido libidinalmente que possuirá suas funções prejudicadas. Visto o excesso de investimento libidinal, esse órgão se toca, acaricia-se e contorce-se como em situação masturbatória infantil, por isso, Freud sustenta que o sintoma é a atividade sexual do histérico (NASIO, 1991).

4 CULTO AO CORPO MASCULINO: VIGOREXIA E PSICANÁLISE

O sujeito histérico vai manifestar uma alienação subjetiva em relação ao desejo do outro, traço que vem favorecer suas identificações históricas. Existe uma reivindicação constante, pois ele se coloca a todo momento como não sendo amado pelo outro, enxergando-se como desvalorizado, incompleto e fracassado. Mesmo na conquista de certos atributos, o sujeito histérico lamenta-se constantemente por não aproveitar aqueles objetos que possui, potencializando sua insatisfação, questão que fará emergir a problemática de imagem ideal de “eu” do histérico, tornando-se um causador de angústia, porque jamais estará satisfeito com sua imagem real. Isso ocasiona maiores esforços do histérico para realizar esses ideais, tentando ser o objeto ideal para o outro que ele julga jamais ter sido. Portanto, há no histérico uma procura constante de sustentar via encenação e realizar uma identificação fálica imaginária (FEITOSA FILHO, 2008).

Segundo Dor (1993), a histeria masculina mostra-se como um campo fértil para a manifestação de sintomas vigoréxicos⁶, visto que há na histeria masculina o desejo de aparecer, de oferecer-se de forma sedutora ao olhar do outro através de um dar-a-ver o corpo inteiro que, em conclusão, é também uma demanda de amor e reconhecimento. Existe uma verdadeira inversão do sentido do desejo, em que o histérico elege a passividade, o dar-se a desejar uma defesa contra o gozo do outro.

⁶ Em se tratando de psicanálise, a vigorexia não poderá ser entendida como uma categoria e sim como um sintoma, uma expressão do mal-estar. Na cultura, manifestação real de gozo que retorna como uma forma hodierna de o homem se interrogar quando a sua masculinidade, como também a forma que o sujeito vai lidar com os ideais civilizatórios impostos a renúncia do gozo (FEITOSA FILHO, 2008, p. 12).

Desse modo, o dar-se a ver na histeria se resume em um fazer parecer, pois o histérico se considera desprovido de falo e, não se achando depositário do falo, no caso dos sintomas vigoréticos, ele vem apontar imaginariamente, perante um corpo musculoso, que é possível ter um pênis ereto, o que configura uma problemática para o homem histérico, desejo que se posiciona diante da dúvida de ter que dar provas de virilidade, levando à encarnação da impotência. Pode-se encontrar na histeria masculina, portanto, indagações relacionadas à problemática masculina e a maneira como o sujeito se posiciona perante a questão fálica, sendo que no histérico pode ocorrer uma mudança da genitalidade para a erotização no corpo como um todo.

Nos sintomas vigoréticos não se fala de conversão em um órgão, mas em conversão global, consumada no corpo como um todo, mas erotizada em detrimento da genitália. Por possuir um corpo fálico, esse se torna palco para uma representação de um drama de origem infantil. Na histeria, é o corpo que se exhibe ao olhar do outro: “na mulher histérica o ‘dar a ver’ é sempre dar a ver alguma coisa do corpo. Em contrapartida, no homem, o ‘dar a ver’ concerne ao corpo inteiro” (DOR, 1993, p. 87). Como na histeria o pênis é imaginariamente superinvestido, acarretam-se diversos tipos de inibição da sexualidade exatamente na área genital, estabilizada imaginariamente por um investimento no corpo que ficará tomado como substituto do pênis.

Portanto, na histeria dos homens, deparam-se às questões relacionadas à problemática do masculino, como também à maneira de o sujeito se posicionar diante da questão fálica. No homem histérico, como atenta-se através de Dor (1993), pode haver um deslocamento da genitalidade, uma erotização no corpo inteiro.

Na busca de adivinhar o desejo do outro, o indivíduo histérico com sintomas vigoréticos procura se oferecer para satisfazer o que supõe ser esse desejo, ofertando-se como objeto capaz de ocultar a castração. Já que o desejo do outro se encontra no campo da questão fálica, ele vai oferecer seu corpo erotizado, forte e musculoso, em razão de não poder oferecer o próprio pênis, porque seria um risco e o deixaria vulnerável perante a ameaça da castração. Facultada a existência da castração, o histérico não deixa de se deparar com a própria falta, vez que na histeria há sempre insatisfação (FEITOSA FILHO, 2008).

Consequentemente, seja qual for a conquista de uma posição fálica, é sempre insatisfatória, seus músculos serão inferiores, pequenos e não bastante definidos, manifestando a lamentação constante em relação à imagem de corpo, um corpo faltante, necessitando de uma espécie de uma prótese para se reiterar viril. A ideia de não ser “tudo” para o outro causa a busca de um ideal de perfeição sempre condenado a fracassar, em razão de que “[...] a histeria é o juiz mais tirânico desta ascensão pelo lado ideal de perfeição. Nada será belo o bastante para neutralizar o rastro das imperfeições, para apagar os vestígios dos efeitos” (DOR, 1993, p. 77).

Nesse contexto, o histérico é colocado à prova em seu narcisismo, sendo capaz de gozar abrindo mão do próprio gozo. Na tentativa de querer sempre agradar o outro, o histérico vai pretender sempre parecer melhor do que é, convertendo-se em um objeto de desejo para receber a garantia do olhar e do amor do outro. Assim sendo, procura habitualmente mostrar-se como objeto apaixonante, objeto a mais-de-gozo, o ágalma. Aqui, os sintomas vigoréticos situam-se na sua ancoragem na estrutura da neurose histérica e o indivíduo com sintomas histéricos vai buscar alcançar, via Gestalt de seu corpo musculoso, cativar e fartar o olhar do outro (DOR, 1993).

O músculo desenvolvido como objeto de desejo vem completar a falta, negando a própria castração e ostentando como o que falta para esconder a castração do outro. Observem-se os campeonatos de fisiculturismo, é necessário não somente os músculos, mas os corpos carecem de estar revestidos de óleo para melhor sustentar o brilho fálico. O uso do óleo como um objeto ofuscante é aquilo que mascara a falta e a imperfeição presumida no corpo (DOR, 1993).

O menino veta a diferença entre os sexos, porém, subsistem as lembranças das ameaças verbais que impedem a masturbação ao exhibir seu pênis para o outro, entendendo ser esse órgão o suposto complementar. A ausência materna age junto com a visão da falta de pênis em alguns sujeitos, passando esses a temerem a perda de seu órgão, supondo que “o órgão ali existiu e foi retirado” (FREUD, 1996c, p. 195), trazendo a angústia da castração, em um medo de que ele próprio possa perder o seu, angústia determinante para que o menino aceite a lei da proibição do incesto e abdique da mãe como objeto de amor, escolhendo a preservar a integridade do próprio corpo (pênis). Portanto, o complexo de Édipo perante a

castração afasta-se do menino e em se tratando de casos ideais subsistem no inconsciente.

Por intermédio do ideal de “eu”, o sujeito entrará na construção simbólica da masculinidade e da feminilidade. Desse modo, pode-se pensar na posição masculina e feminina como gêneros estabelecidos na ordem simbólica da linguagem, ou seja, para ser menino não basta ter pênis, mas sim, é necessário que o campo da linguagem venha adotá-lo de atributos fálicos que autorizarão que ele se posicione no campo da masculinidade. Por causa disso, indivíduos com vigorexia manifestam-se em identificações no plano das aspirações do ideal do “eu”, havendo vários significantes que o deleguem ao masculino (FEITOSA FILHO, 2008).

Contudo, o indivíduo com sintomas vigoréxicos, ao se deparar com a imagem de um outro que possa ser mais musculoso e definido, entende esse como uma ameaça, já que no seu imaginário só será capaz de conquistar seu objeto de amor ou obter sucesso em suas buscas através de um corpo musculoso. Tal constatação traz a esse indivíduo angústia, apontando o lugar da falta e, conseqüentemente, um sofrimento psíquico que se instala, remetendo à própria castração, que é a experiência constante no ser falante, impondo a realidade da impossibilidade de completude, resultando em uma queda da identificação fálica. Assim, esse indivíduo, por não se sentir suficientemente grande, empenha-se a malhar cada vez mais, com exercícios prolongados e excesso de carga e uso de anabolizantes, sendo que algo retorna no real, ocasionando em uma fixação na qual sempre existirá um corpo mais belo, musculoso e definido do que o dele, conseqüentemente, mais perfeito e desejado pelo outro. Os limites do próprio corpo representam o grande vilão a esses homens, pois admitir o corpo real torna-se uma tarefa complicada, até mesmo por trazer à tona os limites do desejo (JORGE, 1998).

Portanto, o imaginário é o âmbito da identificação com o outro, uma averiguação diante dos ditos da cultura, uma espécie de certificação em provar para si mesmo que se é possuidor de atributos exigidos ao padrão de beleza masculino, corpo musculoso e detalhadamente definido. Porém, se antes nessa empreitada em alcançar esse ideal de corpo representará o próprio gozo, agora esse mesmo indivíduo não se contenta mais em ser somente musculoso, mas é necessário ser mais forte e definido do que os outros que apresentam o mesmo porte físico. Caso

contrário, novamente o remeterá à sua temível e indesejável realidade, a constatação de ser um indivíduo atravessado pela falta, como também a castração na qual foi imposto, ainda mais em se tratando do histérico, que é um eterno insatisfeito (DOR, 1993).

Ainda que de imediato corpos “agigantados”, representando uma espécie de armadura, assustem e causem estranheza na sociedade, após o primeiro contato, passam a ser equiparados à ideia de “boa-forma” e “bem-estar”, gerando interpretações equivocadas de serem detentores de saúde e vitalidade, como também a falsa noção de que foram forjados apenas e através de muita perseverança, foco e atitude. São corpos capazes proporcionar status e poder e, em alguns casos, tornam-se celebridades a ponto de serem seguidos nas redes sociais, atravessando a singularidade de outros homens, capturando-os e angariando novos adeptos a esse ideal de corpo imposto pela mídia e a cultura do consumo.

A apreciação é o que não permite aos indivíduos histéricos com sintomas vigoréticos reconhecerem que possuem transtornos alimentares e psíquicos, fazendo com eles nada queiram saber sobre a falta e as implicações com o próprio sintoma. Com isso, esses indivíduos não chegam à clínica psicanalítica, impossibilitando a construção de um sintoma analítico e seguindo suas práticas, tendo no exercício físico, mais precisamente na musculação, a supressão da dor e a determinação do prazer como o “bem supremo” (FEITOSA FILHO, 2008).

Fundadas com o propósito de ofertar saúde e bem-estar aos seus frequentadores e estando, por vezes, em oposto a isso, as academias de musculação transformaram-se em “templos sagrados” do culto narcísico do corpo, uma busca incessante pela perfeição e ideal de corpo, configurando um ritual em que ser musculoso e detalhadamente definido se sobressai à importância da saúde física e mental. Recintos erotizados, nos quais a potência viril fálica é posta em destaque. Corpos recrutados pelo padrão de beleza imposta e fundados no imaginário dos que, enquanto musculosos, alcançaram sucesso em todas as áreas de suas vidas através do reconhecimento de outros adeptos, como também se ofertando através de um “dar-se a ver” de corpo inteiro, ostentando serem capazes de completar o que falta no outro (FEITOSA FILHO, 2014).

O padecimento psíquico do homem contemporâneo e a insatisfação com sua aparência, bem como todas as implicações que tal descontentamento traz são relatadas na música/rap do cantor MAG⁷, intitulada “Quer tomar Bomba” (2007):

Deca, Winstrol, Durateston, Testex
A fórmula mágica pra você ficar mais sexy
Caralho, os mano já tão tudo gigante
Genética?!
Tá bom... Anabolizante!
Ninguém tá puro não, 45 de braço,
95 de peso, parece que eu sou de aço

Vagabunda me crítica, fala que faz mal,
Mas quando passa um bombado⁸ é a primeira a dar moral
Dizem que ela vai pro fígado, fode o coração,
Deixa brocha, estressado, mas também tem o lado bom

Mulher, dinheiro, oportunidade
um ciclo de Winstrol e você é celebridade

Barriga estilo tanque, pura definição
2 horas de tensão
não vacila, vai pro chão
3, 4, quanto mais repetição,
vai perder muito mais rápido, então vem, sente a pressão.⁹

Os universos das academias configuram uma espécie de arena competitiva entre esses homens, que se empenham na construção de um corpo ideal ofertado pela mídia e que veem no outro seu oponente, pois serão destinados e ofertados ao seu público-alvo em praças, clubes e praias, configurando pertencimento e prestígio social. Portanto, o excesso de carga e o uso de anabolizantes são uma prática naturalizada e corriqueira nesses locais, com seus efeitos colaterais sendo deixados de lado, aventurando-se com os anabolizantes e fazendo parte de uma masculinidade hegemônica (CONNEL, 1997).

Em outra parte da música/rap de MAG, citada anteriormente, constatamos que, no imaginário desses, o misto de exercícios prolongados com cargas pesadas e o uso de anabolizantes possibilitaria o alindamento de uma masculinidade ideal.

⁷ MAG, um dos maiores rappers do Brasil, fundador do Fação Central e que mantém uma carreira solo e independente há alguns anos (ANGELO, 2008).

⁸ Homens frequentadores de academias, que através da prática da musculação e do uso de anabolizantes buscam adquirir um corpo agigantado e hiper-musculoso, diferenciando-se dos demais padrões de corpos masculinos (SILVA; FERREIRA, 2020).

⁹ QUER tomar Bomba. Produção de Mag. [S.L.]: Mag.Entretenimento, 2007. (6 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qpneQTVKu60>. Acesso em: 01 out. 2021.

Assim, para Silva e Ferreira (2020), um homem “bombado” estaria em destaque especialmente diante das mulheres, por sua superioridade em relação aos homens “não bombados”. Ainda segundo os autores supramencionados, um homem com “H” maiúsculo não deveria demonstrar os efeitos colaterais ou adversos que poderiam vir dessas drogas, mas valorizar os “benefícios” físico-orgânicos provindos das substâncias delas.

Ombro, peito, braço, tríceps, costa,
bunda empinada, gostosa
panturrilha, coxa grossa
Vambora não para, vamo queimar
Faltam duas pra acabar, falta um mês pra esculachar

Não falei que ia crescer?
Olha o ombro saindo
Camiseta rasgando, vagabunda sorrindo
Então levanta essa porra, já tamo quase acabando
Você não tá puro... daqui um mês já tá bombando

O que eu tomei eu fico quieto, não falo pra ninguém
questão de ética, não falo onde apliquei
Então me diga, GH, me diga espelho meu
Se tem alguém no mundo mais rasgado do que eu¹⁰

Nasio (1991) considera que no processo de construção desse ideal de corpo, paga-se um preço no real do corpo para manterem-se no imaginário, afinal, tratam-se de vítimas de um inimigo que, ao mesmo tempo, coloca-se tão presente e ainda assim desconhecido, a própria falta constitutiva, por estarem gozando com o próprio sintoma de nada dela quererem saber. Contudo, a contemporaneidade vive sobre a cultura do narcisismo e a preocupação excessiva com a individualidade está atrelada à própria sobrevivência psíquica e não como forma crítica de posicionar-se na vida e diante ao mundo.

Segundo Lasch (1990), as armadilhas impostas da cultura atual, as quais são fundadas no constante permitir através do acesso sem restrições e implicações, trazendo para a linguagem psicanalítica, seria a “cultura dos não castrados”, na qual esse sujeito fica submetido ao ideal da cultura, ao invés de traçar um ideal próprio, estando submisso aos mandos culturais em apenas ter, não sendo o ser em questão

¹⁰ QUER tomar Bomba. Produção de Mag. [S.L.]: Mag.Entretenimento, 2007. (6 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qpneQTVKu60>. Acesso em: 01 out. 2021.

descompromissado consigo mesmo, impossibilitando esse sujeito de deparar-se com a falta, aprendendo a lidar com a privação de seus desejos.

A psicanálise consiste em uma excelente ferramenta para o enfrentamento da problemática emocional do homem contemporâneo e suas exigências em ser e estar no mundo, vez que se atenta aos acontecimentos históricos, como também se reformula a partir das novas subjetividades que surgem na clínica (CONTE, 2004).

Pope (2000) menciona que o sujeito apresenta dificuldades em controlar o impulso em “malhar”, havendo algo no campo do Supereu que impõe que o sujeito ultrapasse as próprias proibições, demandando um gozo pulsional que traz um sentimento de culpa. Esse gozo está para além do princípio de prazer, revelando a pulsão de morte, em que a saúde do corpo é colocada em risco pelo excesso e compulsão ao exercício e aumento de exigências de trabalho do corpo. O ato de “malhar” consiste em uma repetição estabelecida nos programas de condicionamento físico, que atuam como injunções para o indivíduo, exigindo um trabalho segmentado perante determinados agrupamentos musculares, que funcionam como zonas erógenas.

Em “O mal-estar na civilização”, Freud (1996b) traz grandes reflexões, elencando impasses que levam o ser humano a sofrer, entre eles, estão as imperfeições de nossas leis, o declínio natural do próprio corpo e as constantes exigências internas de satisfação. Assim, a convivência com outros homens representa um motivo de sofrimento do próprio homem, entendido como o mal-estar dos laços sociais, sendo através dos discursos que o homem faz esses laços.

Segundo Roudinesco (2006), a sociedade contemporânea oferta inúmeras possibilidades ao sujeito, ao mesmo passo em que esses estão fadados ao esgotamento e o insucesso por não saberem lidar com essa autonomia, procurando na religião, no higienismo, drogas ou no corpo perfeito e sedutor o protótipo de felicidade inalcançável.

Freud (2007) afirma que os sintomas decorrentes do recalcado são seus mandatários perante ao “eu”, sendo ele uma espécie de território estrangeiro. Facultada sua ambição à síntese, o “eu” destina-se a integrar ao sintoma a sua estruturação, vetando que permaneça isolado, caso o sintoma, de imediato, seja percebido como um “corpo estranho” ou “hóspede indesejável”. Prontamente, o “eu”

tenta reconhecer e fazer adequação ao sintoma, tirando vantagens e ganhos secundários. Assim, o “eu” se identifica com o sintoma.

Estando a gozar com os sintomas, o corpo esbelto, a musculatura forte e definida e os sintomas vigoréticos transmitem uma falsa ideia de completude imaginária ao “eu” que o homem vigorético carece. Desse modo, o “eu” integra os sintomas e os ama, desenvolvendo uma dificuldade em negligenciá-los. O culto ao corpo é entendido como um ideal de bem-estar e uma proposta de felicidade sedutora, que é bem vista socialmente (FEITOSA FILHO, 2008).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do presente estudo foi ampliar o olhar para o masculino, bem como estimular o debate em torno de um universo que vem sofrendo constantes transformações, trazendo ao homem ocidental do século XXI indagações a respeito de ser e estar no mundo. No passado, os requisitos básicos para caracterizar um homem eram pautados em possuir, por obrigatoriedade, poder, força e virilidade. Já na contemporaneidade, existem inúmeras definições voltadas a se definir o que é ser homem, definições impactadas pelo movimento feminista, promovendo também oscilações na ordem social patriarcal, trazendo várias implicações e flexibilizações de papéis que antes eram destinados às mulheres, mudanças que ocasionaram em angústias e conflitos, fazendo com que o homem atravessasse uma crise de masculinidade. O homem contemporâneo é convidado a dar respostas para essas novas incumbências de ser e estar no mundo, desenvolvendo preocupações que até então eram pertencentes ao universo feminino, entre elas a insatisfação com a aparência, capaz de resultar na infelicidade em relação à imagem corporal.

Atenta a esse padecimento psíquico masculino e a uma intensa preocupação com a própria imagem, a mídia capitaliza essa demanda, ofertando como resposta um padrão de beleza masculino, corpo musculoso e totalmente definido, sinônimo de realização, aceitação e felicidade, capaz de esconder a castração a qual esse indivíduo foi imposto. Tal corpo ofertado, no entanto, só é possível no imaginário desses, havendo um distanciamento entre o corpo idealizado e o corpo possível. Assim, fixados na falta e delatando-a constantemente em seus objetos de amor, fazendo-se desejar e marcados pela insatisfação, indivíduos histéricos com sintomas

vigoréticos ofertam seus músculos para preencher essa falta e esconder a castração, da mesma forma ostentando-se como o que falta para esconder a castração do outro através de seu corpo esbelto e sem falhas, musculoso e detalhadamente definido.

Os sintomas vigoréticos demonstram ser uma resposta atual do mal-estar da cultura que intima ao sujeito se desvelar, dar-se a ver, tendo em vista que o “eu” é, primordialmente, uma superfície corporal, sintomas que se manifestam na ordem do narcisismo por intermédio do inflacionamento do “eu”. Os sujeitos histéricos com sintomas vigoréticos almejam resgatar a imagem de perfeição do ideal de “eu”, algo capaz de tamponar a falta, a mesma que faz com que o vigorético malhe de forma compulsiva e sinta-se culpado quando não comparecem à academia, pois esses recintos contêm rituais que ordenam a sua vida. Portanto, cabe à psicanálise ofertar sua clínica promovendo uma escuta dos sintomas vigoréticos e, dentro dessa possibilidade, oferecer um raciocínio diagnóstico que leve em conta o sofrimento e o mal-estar do universo masculino como uma categoria existencial que diz sobre a condição do homem no mundo, sendo esses desdobramentos uma das modalidades de gozo contemporâneo.

Faz-se necessário registrar que nem todos os frequentadores de academias e adeptos à prática de musculação são ou se tornarão vigoréticos. A musculação ou qualquer atividade física, exercida de forma correta e regrada com uma alimentação saudável e acompanhada com um profissional qualificado, traz inúmeros benefícios ao corpo e mente, como a promoção da autoestima. Atentos à busca desenfreada pelo corpo idealizado pela cultura do consumo que gera excessos e danos físicos e psíquicos potencializados pela falta constitutiva pertencente a cada ser humano, profissionais da área da saúde e do desporto reforçam a necessidade de os profissionais de Educação Física que se tornam instrutores no ambiente de academia de ginástica possuírem uma boa relação com sua própria imagem corporal, a fim de serem capazes de distinguir uma prática saudável de outras que levem à rituais vigoréticos, acolhendo e impondo limites a seus alunos.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Maurício. **MAG: Facção Central, carreira solo e críticas ao rap**

brasileiro. 2008. Disponível em: <https://revistamovinup.com/artigos especiais/entrevistas/2008/entrevista-mag>. Acesso em: 01 out. 2021.

ASSMANN, Hugo. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 1995.

BALLONE, Geraldo José. **Corpo perfeito**: Vigorexia. 2016. Disponível em: <http://psiweb.net/index.php/espectro-obsessivo-compulsivo/corpo-perfeito-vigorexia/>. Acesso em: 01 set. 2021.

BARBOSA, Claudia Waltrick Machado; PINTO, Indiara Furlan. **Vigorexia e a autoimagem**. 2017. Disponível em: <https://www.unifacvest.edu.br/assets/uploads/files/arquivos/97593-indiara-furlan-pinto-vigorexia-e-a-autoimagem-2017.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

BARROS, Daniela Dias. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **Notas de Pesquisa: História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 547-554, ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/xF33tqFH3s4MnxJDR35MwCL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2021.

CAPELETTO, Eduardo Magalhães. **Auto-imagem de praticantes de musculação**. 2010. 34 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/31363>. Acesso em: 10 set. 2021.

CONNEL, Robert William. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLIVARRÍA, José. **Masculinidad/es: poder y crisis**. Santiago: Isis-LACSO, 1997. p. 31-48. Disponível em: <https://joseolavarria.cl/wp-content/uploads/downloads/2014/08/Masculinidad-poder-y-crisis-Valdes-y-Olavarria.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

CONTE, Bárbara de Souza. Reflexões sobre o método e a metodologia em psicanálise. **Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul**, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 6-10, jan. 2004. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/14039465/reflexoes-sobre-o-metodo-e-a-metodologia-em-psicanalise>. Acesso em: 10 set. 2021.

DOR, Joel. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Taurus, 1993.

ESTEVIÃO, Adriana; BAGRICHEVSKY, Marcos. Cultura da “corpolatria” e body-building: notas para reflexão. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [S.L.], v. 3, n. 3, p. 13-25, jan. 2004. Disponível em: https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao_Fisica/REMEFE-3-3-2004/art1_edfis3n3.pdf. Acesso em: 12 set. 2021.

FEITOSA FILHO, Odimar Araújo. Um olhar Psicanalítico sobre a Vigorexia. **Revista**

Subjetividades, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 162-171, 30 abr. 2014. Fundação Edson Queiroz. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/3313/3416>. Acesso em: 10 de set. 2021.

FEITOSA FILHO, Odimar Araújo. **Vigorexia**: uma leitura psicanalítica. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6787>. Acesso em: 02 set. 2021.

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id**: escritos sobre a psicologia do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, Sigmund. Organização genital infantil: uma interpolação da teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos (1925-1926). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

HART, Carl et al. Avaliando a imagem corporal. In: TRITSCHLER, Kathleen. **Medida e Avaliação em Educação Física e Esportes**. São Paulo: Manole, 2003. p. 457-488.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Sexo e discurso em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LASCH, Christopher. **O mínimo eu**: sobrevivência psíquica em tempos difíceis. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NASIO, Juan-David. **A histeria**: Teoria e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

NASIO, Juan-David. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

OLIVARDIA, Roberto; PHILLIPS, Katharine; POPE, Harrison. **O complexo de Adônis**: a obsessão masculina pelo corpo. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

PALMA, Alexandre et al. Reflexões acerca da adesão aos exercícios físicos: comportamento de risco ou vulnerabilidade? **Movimento**: Revista de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, v. 3, n. 9, p. 83-100, set. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2819/1434>. Acesso em: 10 set. 2021.

POPE, Harrison G. **O Complexo de Adônis**: a obsessão masculina pelo corpo. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

QUER tomar Bomba. Produção de Mag. [S.L.]: Mag. Entretenimento, 2007. (6 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qpneQTVKu60>. Acesso em: 01 out. 2021.

RAMOS, Jayr Jordão. **Os exercícios físicos na história e na arte**: do homem primitivo aos nossos dias. São Paulo: Ibrasa, 1982.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, v. 5, n. 6, p. 80-90, jun. 2005. Disponível em: <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/viewarticle.php?id=39>. Acesso em: 01 set. 2021.

SILVA, Alan Camargo. **Corpos no limite**: suplementos alimentares e anabolizantes em academias de ginásticas. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. 'Homens bombados e embalados': masculinidades e músicas sobre anabolizantes em uma academia de ginástica. **Lecturas**: Educación Física y Deportes, [S.L.], v. 25, n. 267, p. 2-20, 16 ago. 2020. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/download/2099/1266?inline=1>. Acesso em: 01 out. 2021.

SILVA, Luan Sampaio; CECCARELLI, Paulo Roberto. **Histeria e masculinidade em Freud e na contemporaneidade**. Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte, v. 1, n. 45, p. 101-110, jul. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n45/n45a10.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

VIOL, Solange Gomes de Melo; REIS, Maria Elizabeth Barreto Tavares dos. Um olhar para o masculino na clínica psicanalítica. In: SEMINÁRIO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CLÍNICA PSICANALÍTICA DA UEL, 2., 2017, [S.L.]. **Anais [...]**. [S.L.]: Universidade Estadual de Londrina, 2017. p. 31-36. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/leppsi/pages/arquivos/Anais%20da%20III%20Jornada%20do%20LEPPSI.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.